

### 3.

#### A idéia e os extremos

*A idéia é algo de lingüístico na medida em que pode ser percebida como elemento presente na essência da palavra.*<sup>1</sup>

No *Prefácio epistemo-crítico* do livro *A origem do drama barroco alemão* (1924), Benjamin formaliza sua preocupação sobre a relação do conhecimento e a sua linguagem, dirigida para a filosofia como o problema de sua “*codificação histórica*”.<sup>2</sup> Na teoria benjaminiana, tem um peso central o reconhecimento da linguagem como ambiente e condição para o pensamento. Escrevendo a Hugo Von Hofmannsthal, com quem muito discutia sobre os estudos do barroco alemão, Benjamin formulava que “*toda verdade tem sua morada, seu palácio ancestral, na linguagem*”.<sup>3</sup> Sensivelmente, a verdade não repousaria em um estágio final do entendimento, e a idéia de sua eternidade se manifestaria sempre de novo recoberta na figura ‘instantânea’ do que permanece vivo, incólume apenas sob a fugacidade expressiva da materialidade lingüística, de seus escombros. Em 1921, ainda desse lugar diferenciado que é o das correspondências pessoais, Benjamin visa à sua concepção de linguagem quando afirma que “[a filologia] *promete os mesmos prazeres que os Neoplatonistas buscavam no ascetismo e na contemplação, mas nessa instância levado ao extremo*”.<sup>4</sup>

[a filologia] *Apresenta um lado da história, ou melhor, uma camada do que é histórico, pelo que uma pessoa, certamente, pode obter conceitos lógicos elementares regulativos e sistemáticos, assim como constitutivos; mas a conexão entre eles deverá permanecer oculta.*<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.59.

<sup>2</sup> Ibidem, p.49.

<sup>3</sup> W. Benjamin, *The correspondence of*, ed. cit., carta a Hugo Von Hoffmansthal, 13.01.1924, p.228.

<sup>4</sup> Ibidem, carta a G. Scholem, 14.02.1921, p.176.

<sup>5</sup> Idem, ibidem.

Indicando, na epígrafe do *Prefácio do barroco*, que sua reflexão passaria do âmbito de uma teoria estética em direção a uma consideração mais geral do conhecimento, o filósofo cita Goethe, a *Teoria das Cores*, em que o poeta propõe a arte como modelo para a ciência. “Assim como a arte se manifesta sempre, como um todo, em cada obra individual, assim a ciência deveria manifestar-se, sempre, em cada objeto estudado”.<sup>6</sup> O problema da linguagem, a partir de uma discussão sobre a arte, recobra um tema caro à tradição da filosofia, transpondo de modo distintivo os termos do problema epistemológico da relação entre ‘particular’ e ‘universal’. Expandida do terreno da estética, a questão do binômio ‘forma’ e ‘conteúdo’ será marcada pela preponderância com que o filósofo entende o vínculo entre a ‘idéia’ e a manifestação de sua ‘forma’, na escrita.

‘*A esfera da verdade visada pela linguagem*’<sup>7</sup> coincide com o que será a compreensão que Benjamin propõe da ‘apresentação das idéias’ (*Darstellung*) como momento privilegiado do exercício da filosofia. O peso da ‘apresentação’ como questão filosófica assume a proeminência do percurso ao sensível como parte integrante da própria reflexão, que não comportaria, no âmbito temporal, uma forma última.

Ao enfrentar o problema de sua ‘apresentação’, o filósofo possibilita que a ‘idéia’ atinja os ‘extremos’ como as instâncias que lhe conferem vida. “*A idéia pode ser descrita como a configuração em que o extremo se encontra com o extremo*”.<sup>8</sup> Esses ‘extremos’: o concreto particular dos fenômenos na intensidade virtual de suas relações, como forma de uma percepção. A condição de que ‘extremos’ sejam percorridos corresponderia ao rigor, ou à ‘vida’, da reflexão: “*as idéias só adquirem vida quando os extremos se reúnem à sua volta*”.<sup>9</sup>

Em uma das imagens exemplares do pensamento de Benjamin, a idéia é como uma ‘constelação’. Na constelação, a relação entre as estrelas confere-lhes forma, assim como a ‘idéia’ se definiria virtualmente a partir da atenção intensiva aos

<sup>6</sup> J. W. Goethe, *A doutrina das cores* **apud**: W. Benjamin, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.49.

<sup>7</sup> W. Benjamin, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.49.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p.57.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.57.

‘extremos’ a ela vinculados. Isto proporcionaria sua aparição luminosa. A intensidade da mirada sobre as estrelas determina a visibilidade da constelação, assim como as idéias se oferecem à contemplação instantaneamente. Cada idéia, autônoma em relação às demais. “*As idéias – ou ideais, na terminologia de Goethe – são a mãe fáustica. Elas permanecem escuras, até que os fenômenos as reconheçam e circundem*”.<sup>10</sup>

O tema da linguagem, inaugurado no ensaio de 1916, é recolocado no *Prefácio epistemo-crítico* a partir de uma terminologia mais próxima da filosofia tradicional. A forma da ‘*apresentação das idéias*’ se coloca em conta da compreensão que Benjamin vai propor do ‘ser da verdade’, recorrendo a Platão e preservando-a como a tarefa filosófica por excelência. Benjamin retoma a distinção entre a ‘verdade’ e o ‘saber’, este entendido como ‘apropriação do objeto pela consciência’. “*A verdade, presente no bailado das idéias apresentadas, esquiva-se a qualquer tipo de projeção no reino do saber. O saber é posse*”.<sup>11</sup>

A idéia, anterior à arbitrariedade de quem a formaliza, como Benjamin busca descrever junto à doutrina das idéias de Platão, permaneceria vinculada de modo autônomo à linguagem, no momento de sua ‘apresentação’. “*A verdade não é inerente a uma estrutura da consciência, mas a um ser*”.<sup>12</sup> A ‘apresentação das idéias’ fornece as condições para a manifestação de uma verdade que não se encerra como ‘aquisição’ do objeto. “*A distinção entre a verdade e a coerência do saber, define a idéia como Ser. É esse o alcance da doutrina das idéias para o conceito de verdade*”.<sup>13</sup>

No *Prefácio*, o *Banquete* de Platão é citado especialmente no trecho em que se apresenta a tese platônica ‘*da Verdade como conteúdo essencial do Belo*’. Aí Platão sinalizaria, segundo a leitura benjaminiana, para a face sensível da verdade, do que decorreria que a verdade ‘não se fixa’, ‘esquiva-se’. Benjamin incorpora assim a compreensão amorosa de Platão de que “*somente o amante pode testemunhar*

---

<sup>10</sup> Ibidem, p.57.

<sup>11</sup> Ibidem, p.51.

<sup>12</sup> Ibidem, p.58.

<sup>13</sup> Ibidem, p.52.

*que a verdade não é desnudamento, que aniquila o segredo, mas revelação, que lhe faz justiça”*.<sup>14</sup>

*Ao propor uma teoria sobre o modo de ser das idéias construída a partir de uma leitura de Platão, Benjamin realiza dois movimentos de ruptura. Por um lado, ao afirmar que a verdade é ser, retira-se do espaço reflexivo da filosofia moderna inaugurada por Descartes e pela primazia dada à categoria de sujeito no processo de conhecimento. Por outro lado, efetua uma torção, teoricamente provocativa, da doutrina platônica ao identificar Ser e linguagem. Se o domínio do ser é o da linguagem e, mais especificamente, o do nome, ele está exposto às condições da experiência temporal e histórica dos homens.*<sup>15</sup>

Dizer que a ‘idéia’ tende a sua inscrição histórica como forma, ou, pelo menos, ‘só frutifica’ a partir de sua aparição sensível, corresponderia à exigência de que o pensamento se coloque ‘à prova da experiência’. Nesse sentido, Benjamin afirma compartilhar tanto com Platão como com Kant “da convicção de que o conhecimento mais profundo só pode ser aquele do qual contamos com a mais pura justificação”.<sup>16</sup>

No ensaio *Programa sobre a filosofia futura* (1918), Benjamin registra sua recepção de Kant, redimensionando a reserva crítica kantiana segundo a qual o conhecimento racional só se sustenta à prova da ‘experiência’ (*Erfahrung*). Kant teria conduzido com maestria “uma investigação (...) em busca da certeza e justificação de um conhecimento duradouro”, mas de modo ainda insuficiente a busca da “dignidade de uma experiência que é passageira”. Se Kant reconhecia a necessidade do sensível para o inteligível (a necessidade de que o conhecimento respondesse à prova da empiria), um alcance efetivamente metafísico para seu conceito de ‘experiência’ (*Erfahrung*) teria sido negligenciado, e especialmente agravado pelo neokantismo. Benjamin buscava evitar essa tendência de circunscrição da experiência ao mínimo, em um empirismo científico “cuja quintessência consistia, no melhor dos casos, em uma certa física newtoniana”.<sup>17</sup>

<sup>14</sup>Ibidem, p.53.

<sup>15</sup> K. Muricy, *Alegorias da dialética*, ed. cit., p.124-25.

<sup>16</sup> W. Benjamin, “Sobre o Programa da Filosofia Futura”, ed. cit., p.7.

<sup>17</sup> Ibidem, p.7- 9.

*Que um conhecimento seja metafísico significa, em sentido estrito, através do conceito radical de conhecimento, a totalidade concreta da experiência, que também se chama 'existência'.*<sup>18</sup>

Posterior ao *Programa* de 1918, o *Prefácio crítico* formularia, então, o que viria a ser, segundo Benjamin, a forma propriamente filosófica de colocar o pensamento à prova da experiência, concentrando-se no problema da forma da 'apresentação das idéias'. Na sua compreensão da 'apresentação' (*Darstellung*), se assume o problema da 'verdade' para a filosofia, enquanto ao mesmo tempo torna-se necessário que a forma das 'idéias' apareça no sensível, na tentativa de não sacrificar nem o universal na 'idéia', nem a pluralidade singular dos 'fenômenos'. Embora não se solucionem as antinomias que essa disposição introduz, o filósofo propõe que a 'unidade da verdade' se manifestará imediatamente, de dentro para fora, enquanto a coerência do saber se daria forçosamente de fora para dentro.

*A unidade do saber, se ela existe, consiste apenas numa coerência mediata, produzida pelos conhecimentos parciais e de certa forma por seu equilíbrio, ao passo que na essência da verdade a unidade é uma determinação direta e imediata.*<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, p.18.

<sup>19</sup> *Idem*, "Prefácio epistemo-crítico", ed. cit., p.52.

### 3.1.

#### Idéias e mônadas

O chamado às idéias para que se ‘apresentem’ na linguagem assumiria, de algum modo, um ponto que não sacrificasse o universal concebido na ‘idéia’, e que não eliminasse a particularidade dos ‘fenômenos’. “*As idéias não se apresentam a si mesmas, mas se dão virtualmente em um ordenamento de elementos materiais*”.<sup>20</sup> Não reduzido à mera empiria, como o é o investigador, e assumindo em comum com o artista a tarefa formal da apresentação, o filósofo reconhece que as idéias só ‘*frutificam*’ na linguagem, embora aponte que a relação lingüística com a idéia deve ser indireta, uma virtualidade.

*Se a tarefa do filósofo é praticar a descrição do mundo das idéias, de tal modo que o mundo empírico nele penetre e nele se dissolva, então o filósofo assume uma posição mediadora entre a do investigador e a do artista, e mais elevada que ambas.*<sup>21</sup>

No momento da ‘apresentação’, relacionam-se o ‘inteligível’ e o ‘concreto’ sem que um se reduza ao outro, como Benjamin pretende apontar. A ‘idéia’ permaneceria universal, e nisso ela difere do conceito, que vislumbra uma média. Para Benjamin, nesse sentido, é inaceitável ver na média aritmética o universal. “*O universal é a idéia. O empírico, pelo contrário, pode ser tanto mais profundamente compreendido quanto mais claramente puder ser visto como um extremo*”.<sup>22</sup>

As idéias, como explica Benjamin, não regulariam os fenômenos, auto-determinados, do mesmo modo que as idéias permaneceriam intocadas pelos mesmos. Não contendo nem incorporando os fenômenos, as idéias seriam seu “*ordenamento objetivo virtual*”.<sup>23</sup> Propondo essa autonomia mútua, o texto de Benjamin se detém na descrição dessa relação.

---

<sup>20</sup> Ibidem, p.56.

<sup>21</sup> Ibidem, p.54.

<sup>22</sup> Ibidem, p.57.

<sup>23</sup> Ibidem, p.56.

*Se elas nem contêm em si os fenômenos, por incorporação, nem se evaporam em suas funções, na lei dos fenômenos, na 'hipótese', cabe a pergunta: como podem elas [as idéias] alcançar os fenômenos? A resposta é: na apresentação desses fenômenos.<sup>24</sup>*

Na 'apresentação das idéias', a linguagem é *medium* de uma relação árdua de ser descrita. Cercando essa descrição, Benjamin lança mão da força figurativa das idéias leibnizianas. Benjamin se refere à Monadologia, de Gottfried Leibniz (1646-1716), quando define a idéia como mônada. Considerando as preocupações teóricas de Benjamin, parece fundamental o complexo isolamento relacional concebido por Leibniz segundo um modelo lógico para sua mônada, que sustentaria, sob a máxima particularidade do seu ponto de vista, uma relação virtual com o todo, segundo a *lei da harmonia pré-estabelecida*. No sistema de Leibniz, uma mônada é a unidade irreduzível ('um simples'; 'sem partes') que seria o fundamento de seu sistema filosófico para a compreensão da unidade de Deus e do mundo. No tempo, as mônadas não se influenciam, seus predicados se desdobram em sincronia mas sem relação real. Essa idéia ficaria consagrada na frase: "*a mônada não tem janelas*". Com essa descrição, ligeira e imprecisa, busca-se apenas situar determinada liberdade com que Benjamin cita Leibniz. Segundo uma analogia própria para Benjamin, assim como as 'mônadas' de um universo obedecem ao princípio da não-contradição, as 'idéias' benjaminianas não se contradizem umas às outras, em suas formas absolutas.

*Assim as idéias confirmam a lei segundo a qual todas as essências existem em estado de perfeita auto-suficiência, intocadas não só pelos fenômenos, como umas pelas outras. Assim como a harmonia das esferas depende das órbitas dos astros que não se tocam, a existência do mundus intelligibilis depende da distância intransponível entre as essências puras. Cada idéia é um sol, e se relaciona com outras idéias como os sóis se relacionam entre si.<sup>25</sup>*

As idéias coexistiriam de maneira autônoma, refletindo umas nas outras o brilho contrastante de suas essências. Cada idéia, '*irreduzível em sua multiplicidade*',

---

<sup>24</sup> Ibidem, p.56-57.

<sup>25</sup> Ibidem, p.59-60.

seria auto-suficiente e não excluiria as demais. Nessa configuração, a verdade é, nas palavras de Benjamin, “*o equilíbrio tonal dessas essências*”, intransponíveis em vista da descontinuidade própria do mundo das idéias.

Na idéia da mônada Benjamin vem reaver a figura de um “*ser que traz em si, oculta, a figura do restante do mundo das idéias*”.<sup>26</sup> Segundo Adorno, de modo alusivo a tal configuração monádica, Benjamin se manteria fiel ao “*princípio de que a mínima célula da realidade contempla equilibrada com seu peso o resto do mundo*”.<sup>27</sup> No ambiente da teoria benjaminiana, a idéia deveria corresponder à compleição da totalidade concentrada na ‘intensidade do fragmento’, como se cada detalhe determinasse para si o seu conjunto, descrevendo-o todo, virtual mas completamente; a cada parte, caberia uma singular totalidade.

*Origem, enteléquia e mônada: trata-se sempre da mesma idéia de totalização a partir do próprio objeto e nele, da referência a uma pré e pós-história irreduzíveis ao desenvolvimento cronológico da Entstehung (...).*<sup>28</sup>

A prova sensível da ‘apresentação’ vem acompanhada de uma reserva teórica que visa assegurar o estatuto originário e inefável das ‘idéias’. Benjamin não evita uma remissão à universalidade e à verdade. São palavras de Benjamin, aqui abreviadas, que a ‘*metafísica de uma forma*’ requer ‘*ressonância histórica*’<sup>29</sup>.

---

<sup>26</sup> Ibidem, p.69.

<sup>27</sup> T. Adorno, “Caracterización de Walter Benjamin”, *Sobre Walter Benjamin*, ed. cit., p.21.

<sup>28</sup> J.-M.Gagnebin. *História e Narração em Walter Benjamin*, ed. cit., p.14.

<sup>29</sup> W. Benjamin, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.70.

### 3.2.

#### Escrita, mortificação e sobrevivência

No início do *Prefácio crítico* (1924), fica indicado que a tarefa da ‘apresentação das idéias’ (*Darstellung*) acarretaria certa medida de ‘esoterismo’, em vista do ‘*Ser da verdade*’ e segundo sua forma de aparição na linguagem. Desse contato com o esoterismo, ‘*a filosofia não pode se vangloriar sem riscos*’<sup>30</sup>, ponderaria Benjamin. A metáfora da combustão, com que Benjamin descreverá adiante o ‘*vir-a-ser*’ da verdade, indica talvez esse mesmo risco, ou sacrifício.

*(...) o invólucro do objeto, ao penetrar na esfera das idéias, consome-se em chamas, uma destruição, pelo fogo, da obra, durante a qual sua forma atinge o ponto mais alto de sua intensidade luminosa.*<sup>31</sup>

Na luminosidade da chama, a forma do que ‘aparece’ se consome, fugaz e evanescente, como o invólucro carbonizado pela combustão. A ‘verdade’, como o clarão produzido pela chama, permanece integralmente como ‘reminiscência’ (*Erinnerung*).

*Como a filosofia não pode ter a arrogância de falar no tom da revelação, essa tarefa só pode cumprir-se pela reminiscência, voltada, retrospectivamente, para a percepção original.*<sup>32</sup>

Uma retomada do problema da ‘verdade’ para a filosofia, vincula-se ao âmbito da teologia a partir da idéia da ‘revelação’, mas assume essa relação sob um prisma diferenciado. Na temporalidade da ‘apresentação’, a intensidade da contemplação conferiria ‘verdadeira’ unidade à reflexão, porém criticamente fugaz. Para a filosofia se reservaria, então, um trabalho incessante como disposição para retornar aos mesmos problemas sempre de novo. Segundo já se observou, em

<sup>30</sup> Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.50.

<sup>31</sup> Ibidem, p.54.

<sup>32</sup> Ibidem, p.59.

Benjamin, a autoridade da filosofia se atribui exemplarmente ao ‘exercício de sua forma’ e não à sua antecipação definitiva no sistema. “*Esse exercício impôs-se em todas as épocas que tiveram consciência do Ser indefinível da verdade, e assumiu o aspecto de uma propedêutica*”.<sup>33</sup> O trabalho da filosofia responderia, não tanto pela realização do conhecimento como um fim em si mesmo, mas à preparação do terreno em que a verdade se apresentaria, como um clarão, inapropriável. O filósofo, no reconhecimento de sua condição, pausa. Ele submete à prova da crítica suas articulações conceituais, remobiliza suas referências, e é avesso a antecipações. À filosofia Benjamin atribuiria a tenacidade de uma ponderação infinita dos problemas, sempre os mesmos, como o cálculo de seus limites.

Uma ‘delicada empiria’, na expressão que Benjamin absorve de Goethe, corresponderia à fundamentação sensível desse percurso. O filósofo, com atenção dedicada ao mundo, a cada objeto, marcaria sua escrita como a configuração extrema que, então, pode dar visibilidade à ‘idéia’. Desconsiderando o histórico e concreto, não se alcançaria uma unidade autêntica, mas apenas uma classificação abstrata, artificial.

*Negar o valor teórico de uma classificação abstrata não significa negar o valor teórico de uma classificação genética e concreta, que de resto não é classificação e sim história.*<sup>34</sup>

Benjamin propõe que se entenda o exercício da filosofia como ‘*uma forma de prosa*’ que ‘*força seu leitor a deter-se para, periodicamente, consagrar-se à reflexão*’. Confrontando-se com seu lastro material, a reflexão é recorrentemente consagrada à interrupção. A prosa filosófica não deve arrebatá-lo nem entusiasmar o leitor. “*A sobriedade prosaica é o único estilo de escrever digno da investigação filosófica*”.<sup>35</sup> A matéria escrita, em vista disso, seria o *medium* privilegiado da reflexão filosófica. Benjamin compara: “*na fala, o locutor apóia com sua voz e com sua expressão fisionômica as sentenças individuais, mesmo quando elas não têm*

---

<sup>33</sup> Ibidem, p.50.

<sup>34</sup> Ibidem, p.67.

<sup>35</sup> Ibidem, p.51.

*sentido autônomo (...)*<sup>36</sup>, como num ‘gesto único’. É na escrita que o pensamento se dedica à interrupção; a cada sentença é-lhe sugerida uma nova parada. A isso ela deve sua ‘sobriedade’, distinta da fala ‘*que se esboça com um só traço um desenho tosco*’.

O pausar e recomeçar são exercícios que marcam, na escrita benjaminiana, sua preocupação com a ‘verdade’. Benjamin declara a impossibilidade de alcançá-la na exposição contínua de uma cadeia de deduções, de regras gerais.

*Essa impossibilidade é comparável à profunda respiração durante a qual o pensamento se perde no objeto mais minúsculo, com total concentração e sem o menor traço de inibição.*<sup>37</sup>

A filosofia, na exigência da sua ‘apresentação’, vai ao encontro do sensível, dissolvendo-o na ‘idéia’. Com o cuidado de evitar a mera justaposição de dados, que significaria “*heterogeneidade morta*”<sup>38</sup>, essa disposição não se conduz ao verismo científico. Não pertencendo ao âmbito da certeza, a aparição da ‘verdade’ não apagaria a chama da sua busca. A ‘verdade’ será entendida por Benjamin como uma ‘essência não intencional’.

*O procedimento próprio à verdade não é portanto uma intenção voltada para o saber, mas uma absorção total nela, e uma dissolução. A verdade é a morte da intenção.*<sup>39</sup>

O abandono dos processos dedutivos, dos critérios externos de reconhecimento seria, em vista dessa concepção de verdade, o abandono de um método discursivo que projeta subjetivamente uma visão de seu objeto.

*A estrutura da verdade requer uma essência que pela ausência de intenção se assemelha à das coisas, mas lhe é superior pela permanência. A verdade não é uma intenção que encontrasse sua determinação através da empiria, e sim a força que determina a essência dessa empiria.*<sup>40</sup>

---

<sup>36</sup> Ibidem, p.51.

<sup>37</sup> Ibidem, p.67.

<sup>38</sup> Ibidem, p.61.

<sup>39</sup> Ibidem, p.58.

<sup>40</sup> Ibidem, p.58.

A compreensão que Benjamin faz do termo ‘empíria’, ligada ao exercício da reflexão, coloca-se para a filosofia a partir de sua relação com a linguagem, propriamente com a materialidade da escrita. A temporalidade própria da escrita torna-se, com Benjamin, um emblema do distanciamento capaz de operar como mortificação autoral.

Como característica do texto escrito, Proust observa certa feita que ‘*o que para o autor são conclusões, para o leitor são incitações*’.<sup>41</sup> Essa observação, em uma aproximação com o pensamento benjaminiano, assinalaria talvez um dos principais traços da escrita, como Benjamin também nota: a temporalidade que será a possibilidade e o encorajamento ao ‘*recomeço perpétuo da reflexão*’. Apresentada sob a forma escrita, a reflexão seria favorecida pelo desenvolvimento de seu fôlego infatigável. No descontínuo que estrutura o exercício da escrita, os esforços não se perderiam definitivamente, e seria sempre possível retomá-los. Acolher as disposições objetivas do texto e ao mesmo tempo evitar a dispersão corresponderia à aparição da ‘idéia’ como possível unidade dessa forma, lançada por sua vez naquele *medium* que preparará suas leituras.

Esse processo não seria isento de tensões. O exercício crítico de sua forma, para a filosofia, não ganha visibilidade sem ‘antagonismos’ e ‘violência’. Benjamin manterá um diálogo por cartas com Adorno, em que enfrenta determinados dilemas formais de um artigo seu, minuciosamente comentados por Theodor Adorno. Na correspondência aqui referida, trata-se do estudo sobre Baudelaire destinado à revista *Zeitschrift für Sozialforschung*. No trecho reproduzido abaixo, Benjamin responde a críticas do amigo e editor, descrevendo significativamente seu procedimento de escrita.

---

<sup>41</sup> Marcel Proust, *Sobre a leitura*, trad. Carlos Vogt, Campinas, SP, Ed. Pontes, 2003, p.30.

*Aqui entram, desde logo, interesses produtivos meus que considero muito característicos; mas não posso negar que intentem ocasionalmente exercer violência contra os originais. Se dá um antagonismo de que nem em sonhos queria ver-me dispensado. Dominá-lo é o problema do trabalho, um problema que é idêntico a sua construção.*<sup>42</sup>

A escrita, como sinaliza Benjamin, seria o ambiente privilegiado para a experimentação formal de suas concepções e dos antagonismos que elas ocasionalmente implicariam. Em trabalho reflexivo sobre a própria forma da escrita, o filósofo desenvolve caminhos e estratégias, selando a legibilidade de seus textos. Benjamin entende que o curso da escrita é marcado pelo instante de paralização, o hiato e o intervalo que corresponde, então, à retomada da compreensão, ao recomeço, o retorno à origem, sempre novo.

À luz dessas ponderações, aproximações entre o signo-logos e signo-figura fascinarão Benjamin, como se a escrita, por intensificação da forma como alude às coisas, pudesse se desenhar mais e mais às suas feições, objetivando-se. A escrita chinesa, os hieróglifos egípcios, os alfabetos mais distantes, os desenhos da escrita de punho, os silêncios gráficos, dariam testemunho da aproximação entre a escrita e sua figura. Benjamin comenta como a moderna grafologia “*ensinou-nos a identificar na escrita manual imagens, ou antes, quebra-cabeças (...)*”.<sup>43</sup> As imagens, por sua vez, seriam lidas como escrita. Hologramas, dioramas, panoramas, e a pulverização dos cartazes e as mudanças no espaço urbano, comporiam também um material textual à altura da contemplação reflexiva do filósofo.

Na ‘apresentação’, a delicada empiria da escrita daria relevo ao comprometimento temporal do trabalho filosófico, a sua historicidade. No *Prefácio do Trauerspiel*, quando Benjamin sublinha o vínculo entre história e filosofia, essa relação se formula acarretando uma perspectiva metodológica diferenciada. À perspectiva benjaminiana caberia, não a universalização de determinada concepção cognitiva, ou da própria idéia de cultura, mas sim uma intensidade orientando o

<sup>42</sup>W. Benjamin, *Correspondências T. Adorno W. Benjamin (1928-1940)*, ed. cit., carta a T. Adorno de 09.12.1938, p.280. Nessa carta, Benjamin respondia a críticas à 1ª versão do estudo benjaminiano sobre Baudelaire (Adorno era o editor da revista *Zeitschrift für Sozialforschung*). (grifo meu)

<sup>43</sup> Idem, “Doutrina das semelhanças”, *OE I*, ed. cit., p.111.

pensamento para a materialidade de sua forma, como uma sensibilização cognitiva ao ‘extremo’.

Na ‘apresentação’, esperam-se ‘dois resultados’: “*salvar os fenômenos e apresentar as idéias*”.<sup>44</sup> Com um pensamento cioso de seus próprios traços, intensifica-se a crítica dos seus limites e se vislumbra, somente assim, uma inteireza outra, exemplar.

Diferente de um inventário de heterogeneidades, mais do que uma simples média, Benjamin propõe que a ‘apresentação das idéias’ deva fazer justiça à “*unidade autêntica da verdade*”.<sup>45</sup> Benjamin cita formas familiares ao pensamento medieval, como alternativas ao conceito de sistema do século XIX. A “*fragmentação caprichosa*” dos mosaicos e a “*citação autorizada*” do tratado<sup>46</sup>, então, seriam formas em que a visibilidade dos fragmentos não dispersaria o sentido, nem sacrificaria sua majestade. Afastada do que chama “*instrumentos coercitivos da demonstração matemática*”, a problematização da forma filosófica na escrita encontraria, nas referências de Benjamin, o encorajamento de uma ensaística, ou prosa, como experiência de rearticulação do pensamento a partir dos ordenamentos concretos de seu ambiente, de sua linguagem, de modo a empenhar a escrita em um ato de alcance decisivo, “*por si mesmo político*”.<sup>47</sup>

Uma tal filosofia enfrentaria, assim, a medida de seu sucesso e de seu fracasso na realização imanente de sua escrita. A ‘*sobriedade prosaica*’ da filosofia, determinada em seu lastro material, sustentaria sua criticabilidade incessante. O destino de um original estaria selado em sua própria materialidade, uma vez liberado o texto do autor. Em seu exercício, a escrita realizaria, a despeito da intenção, uma auto-exposição objetiva das suas insuficiências, dos saltos de sentido entre as palavras, encorajando a retomada das suas linhas, a reflexão reincidindo sobre aquele problema gerador sempre de novo.

<sup>44</sup> Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.57.

<sup>45</sup> Ibidem, p.56.

<sup>46</sup> Ibidem, 50.

<sup>47</sup> K. Muricy, *Alegorias da dialética*, ed. cit., p.29.

Como foi abordado no nosso “capítulo 2.2”, um texto que merece o tratamento de um original, quando o é, ‘já contém sua tradução’<sup>48</sup>. Movida por ‘interesses atuais’<sup>49</sup>, uma investigação encontra no original a possibilidade de revolver-lhe as ‘reminiscências’, com a familiaridade de quem volta de um exílio e se depara com o que ficou. A possibilidade de ‘sobrevivência’ (Überleben) do texto corresponderia, provavelmente, àquele ‘estímulo ao recomeço perpétuo’ da apresentação das idéias, seja nos tratados e ensaios medievais, como nos ensaios críticos, comentários e traduções contemporâneos.

Como as paragens de um itinerário, as discontinuidades da reflexão presenteiam aquele que pára com uma perspectiva reveladora da paisagem contemplada. Benjamin aponta, mesmo no que se pretendia ter como método científico, uma inerente discontinuidade do pensamento, não suficientemente reconhecida.

*Essa discontinuidade do método científico está tão longe de corresponder a um estágio inferior e provisório do saber que ela poderia pelo contrário estimular o progresso da teoria do conhecimento se não fosse a ambição de capturar a verdade unitária e indivisível por natureza através de uma compilação enciclopédica dos conhecimentos.*<sup>50</sup>

A alusão ao ‘universal’, marcada no pensamento benjaminiano, é submetida a uma problematização intensiva. A universalidade se insinuaria, por exemplo, na imagem de um “pólo norte magnético”<sup>51</sup>, de um “misterioso heliotropismo”<sup>52</sup>. Reservado em relação a um típico triunfalismo da razão, Walter Benjamin assume uma posição às vezes interpretada como a do ‘ascetismo’, em um sentido específico de despojamento das metas do racionalismo para o pensar. Sobre isso, Adorno observaria como a obra benjaminiana:

<sup>48</sup> Esse aspecto da teoria da tradução é discutido nessa dissertação, no cap.II.ii, p.33 e 34.

<sup>49</sup> Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.63.

<sup>50</sup> Ibidem, p.55.

<sup>51</sup> Idem, *Paris, capitale du XIXe siècle, Le Livre des Passages*, ed. cit., [N 1, 2], p.473.

<sup>52</sup> Idem, “Sobre o conceito da história”, *OE I*, ed. cit., p.224.

*se mantém longe da sedução dos intentos de alcançar a transcendência a partir da razão natural, como se o processo delimitador da Ilustração fosse revogável e se pudesse recorrer sem problemas a filosofias passadas recobertas de Teologia.*<sup>53</sup>

O *Prefácio crítico* já formulava como ‘*inconcebível que a filosofia renuncie a algumas de suas idéias mais ricas*’<sup>54</sup>. Não seria apropriado, nesse plano, o procedimento de revogar um determinado modelo epistêmico em prol de outro. Cada conjunto de tradição de pensamento se sustentaria auto-suficiente, acessível na tangibilidade de sua escrita, como uma fonte rica, potencialmente ‘citável’. Em lugar da ‘*polêmica negadora*’, Benjamin priorizaria ‘*a plenitude da positividade concentrada*’, buscando o que seria “*um conceito de estilo filosófico isento de paradoxos*”<sup>55</sup>. Se de um lado, determinadas interdições da razão iluminista pareceriam ‘revogáveis’, como descreveu Adorno, isso se daria porque, para Benjamin, as idéias ‘originárias’ não se excluem, são eternas.

*O sistema só tem validade quando se inspira, em sua concepção de base, na constituição do mundo das idéias. As grandes articulações que determinam não somente a estrutura dos sistemas mas as terminologias filosóficas – como a lógica, a ética e a estética, para mencionar apenas as de maior generalidade – não são significativas apenas como nomes de disciplinas especializadas, mas como monumentos de uma estrutura descontínua do mundo das idéias.*<sup>56</sup>

<sup>53</sup> T. Adorno, “Caracterización de Walter Benjamin (1950)”, *Sobre Walter Benjamin*, ed. cit., p.25.

<sup>54</sup> W. Benjamin, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.66.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p.54-55.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p.55.